

Dobra a área de risco de morte súbita do braquiarião no MT

Denis Cardoso
denis@revistadbo.com.br

Um novo estudo científico divulgado em outubro pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) revela que o problema da síndrome da morte do braquiarião (SMB) no Mato Grosso é mais sério do que se imaginava anteriormente. No Estado com maior rebanho bovino do Brasil, de 29 milhões de cabeças, 30% das áreas usadas em atividades agropecuárias (não necessariamente pela pecuária de corte) apresentam risco forte de incidência da morte da *Brachiaria brizantha* cv. Marandu, como é conhecida tecnicamente a gramínea originária do Zimbábue, na África, adaptada e lançada com grande sucesso pela Embrapa em 1984. "Isto equivale a 26,5 milhões de hectares, a maioria situada no norte e noroeste do Mato Grosso, sobretudo em áreas da Amazônia Legal", diz o pesquisador Celso Vainer Manzatto, da Embrapa Meio Ambiente, de Jaguariúna, SP, um dos responsáveis pela elaboração do Zoneamento do Risco Edáfico de Síndrome da Morte do Braquiarião em Mato Grosso, divulgado durante o 1º Simpósio de Pecuária Integrada (Simp-i), realizado no mês passado pela Embrapa Agrossilvipastorial, em Sinop, MT, evento que contou com a presença de 440 participantes, a maioria estudantes universitários.

Embora o novo trabalho da Embrapa tenha ficado restrito ao Mato Grosso, o fenômeno da morte súbita do marandu também é registrado no Acre, Pará, Tocantins, Maranhão, Rondônia e Amazonas. Nos últimos 30 anos, essa espécie forrageira, de fácil adaptação às áreas tropicais do País e resistente ao ataque de cigarrinhas, foi a mais plantada na Amazônia Legal. Calcula-se que, somente no Mato Grosso, a gramínea ocupe em torno 80% das pastagens. Os sintomas da doença já são largamente

Conclusão está em mapa divulgado em outubro pela Embrapa, que propõe o uso de forrageiras mais produtivas.

conhecidos pelos pecuaristas: amarelamento e murchamento das folhas, seguida pela morte de touceiras em reboladeiras e degradação das pastagens. Sabe-se também que a SMB se manifesta na estação chuvosa, em ambientes nos quais há excesso de água e estresse hídrico, condições que reduzem a oxigenação das raízes do capim marandu, deixando-o mais suscetível a ataques oportunistas de fungos patogênicos típicos do solo.



Apesar da ampla base científica até então existente sobre a síndrome da morte do marandu, porém, durante a palestra de apresenta-

ção do novo zoneamento, Manzatto diz ter ficado surpreso com os resultados finais das expedições de campo para identificação "in loco" de pontos de ocorrência da doença no Mato Grosso, trabalho que foi realizado pela equipe técnica da Embrapa entre 2012 e 2013, com o apoio de dados teóricos trazidos por mapas pedológicos da Amazônia Legal e análises geoclimáticas das regiões de exploração da terra. Segundo o pesquisador, os novos estudos apontaram para conceitos científicos um pouco diferentes dos preconizados anteriormente, quando imaginava-se que o problema da SMB estaria restrito somente a regiões com solos alagados ou encharcados, classificados como argilosos, mal drenados. "Durante o nosso trabalho de expedição, observou-se a ocorrência de SMB em outras classes de solos, que não apresentam necessariamente problemas sérios de drenagem e não possuem características morfológicas relacionadas ao excesso de umidade", afirma Manzatto, acrescentando que tal constatação invalida um estudo da própria Embrapa, publi-



Cerca de 30% das áreas de uso agropecuário apresentam risco alto para a morte súbita do braquiarião

ÁREA DO MATO GROSSO SUJEITA AO RISCO DE MORTE SÚBITA DO BRAQUIARÃO

Categoria de risco	Em hectares	Em %
Forte	26.485.465	29,46*
Moderado	5.734.681	6,64
Baixo	57.567,81	63,90

Fonte: Embrapa

cado em 2008, que subestimava o problema da morte súbita do marandu no Mato Grosso, ao incorporar às áreas de risco somente as regiões de alagamento do sul do Estado, no Pantanal, e próximas ao Rio Araguaia. Esse novo estudo da Embrapa também faz cair por terra um relatório relativamente recente do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea), de 2011, baseado em entrevistas com produtores rurais locais, que também faziam pouco caso do problema da SMB no Estado – o levantamento amostral indicava que, dos 25,8 milhões de hectares de pastagem do Mato Grosso, 8,6% (2,23 milhões de hectares) registraram relatos de morte de plantas forrageiras, sendo que apenas 4% desse montante foi atribuído à síndrome da morte do braquiário (o restante das ocorrências foi relacionado a problemas de estiagem e a ataque de pragas).

Mudança de conceito - Mas, afinal, o que levou a Embrapa a mudar o rumo das pesquisas em torno da SMB, cujos primeiros registros da doença foram relatados no Acre, em 1994, quando esta gramínea já dominava 45% das pastagens cultivadas no trópico brasileiro? A explicação para essa indagação, segundo o pesquisador da Embrapa Meio Ambiente, está no modo como foi conduzida a nova pesquisa científica, que desta vez levou em conta um conjunto de fatores que supostamente teriam ligação com a morte súbita do capim, desde o tipo de solo, passando pelo tempo de uso da terra e consequentes mudanças em sua estrutura física, até as condições climáticas de cada uma das regiões analisadas. “Na pesquisa de 2008, atribuíamos a morte do braquiário basicamente à questão do solo (no caso, zonas de alagamento ou encharcamento), enquanto os estudos atu-

ais mostram que a SMB está associada principalmente ao ambiente em que o capim marandu está exposto”, diz Manzatto.

Em outras palavras: a pesquisa constatou que regiões com registro de chuvas bastante intensas, em períodos relativamente curtos, porém suficientes para provocar o encharcamento superficial do solo, também são suscetíveis a ataques de fungos. “A nossa pesquisa indica que, em áreas nas quais a precipitação pluviométrica anual ultrapassa a marca de 2.100 milímetros, o uso do braquiário se tornou altamente proibitivo”, afirma o pesquisador, acrescentando que, em relação ao estudo da Embrapa de 2008, mais do que dobrou a área de risco de morte súbita do marandu no Mato Grosso. Isso significa dizer todas as áreas de pastagens de braquiário do norte e noroeste do Mato Grosso, que não estavam inclusas na pesquisa anterior, estão situadas na zona de alto risco de ocorrência da síndrome, enfatiza o pesquisador.

Diante da elucidação do problema da SMB, Manzatto propõe um novo desafio aos pecuaristas que possuem fazendas nas regiões indicadas pelo zoneamento, onde, como se sabe, prevalece o monocultivo, no caso, o brizantão, como este capim também é conhecido. “É preciso uma intervenção urgente por parte dos produtores nessas áreas de risco, pois não há outra saída a não



A doença: touceiras ressecam e morrem e pastagem fica degradada

ser partir para o uso de outras forrageiras e também para novos sistemas de manejo da terra, como a integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF)”, alerta Manzatto (veja alternativas de uso de outras gramíneas na pág. 64).

Além da questão do excesso de chuvas e do tipo de solo, o desgaste desenfreado da terra, ocasionado pela exploração contínua e prolongada de uma única espécie forrageira, é fator determinante para explicar a intensificação do problema da SMB ao longo do tempo. “Onde no passado tínhamos florestas densas e alta diversidade, com árvores que exploravam cinco a dez metros de profundidade, hoje temos áreas contínuas de uma única planta, cujas raízes atingem não mais que 30 centímetros de profundidade”, compara Manzatto, acrescentando que essa mudança no uso da terra, associada à questão de precipitação elevada, fizeram com que a dinâmica de água no perfil do solo fosse se alterando ao longo dos anos. Daí a explicação para os diversos casos de pecuaristas que há mais de 20 anos utilizam o marandu e apenas recentemente vieram a relatar casos de morte súbita do capim em suas propriedades. “O problema tende a se agravar futuramente, uma vez que cada mais ficaremos sujeitos a eventos climáticos extremos, como o registro de chuvas ainda mais intensas, durante períodos curtos”, alerta o pesquisador.

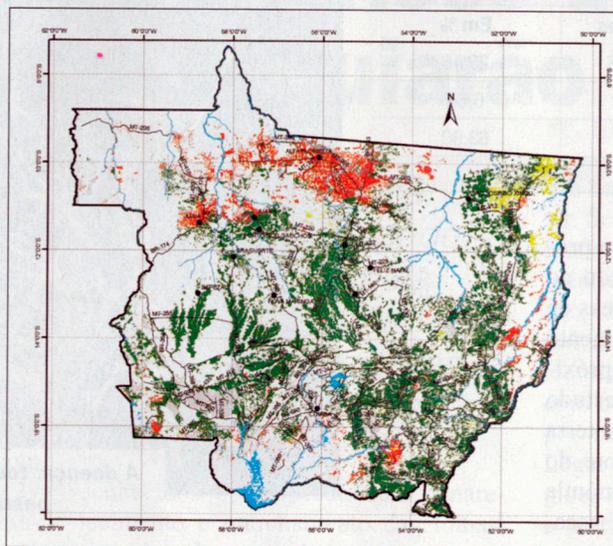
Substituição é necessária

O novo mapa de risco de manifestação da morte súbita do braquiário abrange sobretudo as regiões tradicionais, de pecuária de corte do Mato Grosso, como Alta Floresta, Terra Nova, Nova Guarita, Juína, Juara e São José do Xingu. Não à toa, pesquisadores da Embrapa Agrossilvipastoral, de Sinop, MT, escolheram alguns desses municípios para realizar, nos últimos três anos, experimentos de campo com diversas espécies forrageiras, incluindo o próprio marandu (*veja quadro*), a fim de indicar ao produtor quais são as melhores alternativas para substituição da pastagem degradada.

Foi o caso de Alta Floresta, que, segundo dados do IBGE, mantém um plantel bovino de quase 900.000 cabeças, um

dos maiores rebanhos entre os municípios do Estado. Lá, os índices de pluviosidade atingem níveis estratosféricos em determinadas épocas do ano (como nos

meses de fevereiro e março), chegando a registrar uma média de 600 milímetros de chuva num único mês. “Em áreas com este perfil de regime pluvial, a troca do capim marandu por outras forrageiras não suscetíveis a ataque de fungos do solo é condição básica para o sustento futuro da atividade pecuária naquela região”, diz o pesquisador Celso Manzatto, da Embrapa Meio Ambiente.



Risco de morte

- Muito baixo
- Baixo
- Moderado
- Forte
- Muito forte

O futuro das pastagens garantido com RENTABILIDADE?

Então faça ADUBAÇÃO VERDE!

- Melhoria no manejo das pastagens;
- Incrementa o estoque de carbono no solo;
- Aumenta a qualidade das pastagens;
- Reduz a emissão de metano (metanogênese).

GRAMÍNEAS MAIS E MENOS SUJEITAS À MORTE SÚBITA

Adaptação	Forrageira	Observação
Excelente	Braquiária humidícola	Podem ser plantadas sem restrições, mesmo em solos com alto risco de morte.
	Estrela-roxa	
	Tangola	
	Tanner-grass	
	Pojuca	
Bom	Tanzânia	Deve ser evitado o plantio em áreas sujeitas ao alagamento temporário do solo
	Mombaça	
	Massai	
	Braquiária decumbens	
Regular	Xaraés	Somente devem ser plantadas em solos arenosos e bem drenados
Ruim	Piatã	Pode apresentar mortalidade, mesmo em solos arenosos, durante o período de chuvas intensas.
	MG-4	
	Mulato	
Péssimo	Marandu	Não se recomenda, mesmo em solos arenosos.

Fonte: Embrapa

Morte em solos férteis – Nas regiões escolhidas para os ensaios com cultivares (além de Alta Floresta, foram feitas avaliações práticas nos municípios de Terra Nova do Norte e Nova Guarita), confirmou-se a ocorrência de morte súbita do braquiário em solos reformados especialmente para a condução dos estudos da Embrapa. Nas três áreas de experimentos, foram realizados o trabalho de dessecação, aração e gradagem da terra, seguido pelo despejo proposital de quantidades excessivas de calcário, nitrogênio, potássio e fósforo. “Além de testar novas gramíneas para essas regiões, um dos objetivos do estudo era comprovar a tese de que o surgimento da síndrome da morte do braquiário não tem ligação nenhuma com o nível de fertilidade do solo, ou seja, a doença se manifesta em solos de baixa, média e alta fertilidade”, esclarece Bruno Carneiro, pesquisador da Embrapa Agrossilvipastoril. De fato, em Terra Nova, um dos locais de realização do experimento, registrou-se, 30 meses

após o plantio das variedades, a mortalidade de 30% da área reservada ao marandu – situação similar a essa também foi observada nos outros dois locais de pesquisa.

Produtividade – Para a realização dos experimentos em Alta Floresta, a Embrapa utilizou dez diferentes cultivares, que foram plantados lado a lado, na área de reforma da fazenda escolhida para a pesquisa. Ao fim de oito meses, entre setembro de 2013 e maio deste ano, os capins do gênero *Panicum*, como o mombaça e tanzânia, obtiveram o melhor desempenho

tem termos de acúmulo de forragem, com a produção de 30 e 22 toneladas/hectare de matéria seca, respectivamente. As cultivares xaraés, piatã, massai, llanero e mulato II ficaram num segundo patamar de produtividade, variando a produção de forragem entre 18 e 17 toneladas/hectare. Por sua vez, o marandu registrou a menor produtividade entre as dez gramíneas, com apenas 12 toneladas/hectare, ficando atrás do estrela (13,5 toneladas/hectare) e da ruiziensis (14 toneladas/ha).

Além do brizantão – Os testes também mostraram que, além do marandu, outras forrageiras apresentaram o problema da síndrome da morte do braquiário, no caso o piatã e o mulato II. Tal constatação corrobora a tese defendida pela experiente pesquisadora Cacilda

Borges do Valle, da Embrapa Gado de Corte, do Mato Grosso do Sul, que também participou do 1º Simpósio de Pecuária Integrada, em Sinop, MT. “Ouve-se falar quase unicamente do problema da morte súbita do braquiário somente porque essa variedade é plantada de Norte a Sul do País, representando 45% das pastagens (algo próximo de 58 milhões de hectares) no Brasil. No entanto, se houvesse o registro de outra forrageira sendo cultivada nessa mesma extensão territorial, certamente teríamos o seu nome associado à morte súbita”, analisa Cacilda, acrescentando que o importante é investir no uso diversificado de plantas forrageiras em uma mesma propriedade. ■

